

Coordenação
NATÁLIA MARINHO FERREIRA-ALVES

A Encomenda. O Artista. A Obra.



CEPSE





Título A Encomenda. O Artista. A Obra.

Coordenação Natália Marinho FERREIRA-ALVES

Edição CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade
Rua do Campo Alegre, 1055 – 4169-004 Porto
Telef.: 22 609 53 47
Fax: 22 543 23 68
E-mail: cepese@cepese.pt
www.cepese.pt

Capa Luís Melo

Concepção gráfica sersilito

Impressão e acabamentos sersilito

Tiragem 500 exemplares

Depósito legal 318054/10

ISBN 978-989-8434-03-6

Nossa Senhora de Guadalupe (Mouçós, Vila Real): encomendador e obra

Lúcia Maria Cardoso ROSAS

Situada na freguesia de Mouçós (Vila Real), a Capela de Nossa Senhora de Guadalupe apresenta uma cuidada arquitectura de aparência medieval. Contudo, a análise das proporções da nave, da cabeceira e da fachada Ocidental, dos alçados dos portais, dos vãos de iluminação presentes nas fachadas Norte e Sul e do perfil dos cachorros, indicia uma construção muito tardia no contexto da arquitectura medieval portuguesa.

Integrada no programa de pintura mural da parede testeira da capela-mor, programa datado por inscrição de 1529, figura a pedra de armas de D. Pedro de Castro pintada no frontal de altar, elemento que se repete, desta vez esculpido, no exterior da cabeceira e cuja identificação se deve a Luiz de Mello Vaz de São Payo¹.

O autor das *Memórias de Vila Real* (1721) atribui justamente a D. Pedro de Castro, abade da igreja de Mouçós, a fundação da Capela de Nossa Senhora de Guadalupe pelos anos de 1530:

“No lugar de Ponte, desta freguesia do Salvador de Mouçós, há huma capella da invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, que he hum templo grande, magnificamente obrado de pedra de cantaria á romana, forrada primorozamente de madeira, com artificiosos e bons debuxos de lassaria da mesma madeira, e tem seu coro com tribuna de órgãos, a qual eregio dom Pedro de Castro, abade que foi desta igreja de Mouçós, sucessor do dito Fernão de Brito, a qual edificou, pellos annos de 1530, e há tradição que a edificara afim de nella deixar huma collegiada perpetua, porem nam consta que a instituísse”².

A confirmação de D. Pedro de Castro como abade de Mouçós, a quem são atribuídas outras obras em Vila Real e no seu termo bem como a instituição de várias capelas, data de 1505, como demonstrou Paula Bessa:

“Aos xbij dias do dito mês de janeyro da dita era [1505] o dito Senhor [D. Diogo de Sousa] confirmou em abade e Reitor da parrochial igreja de sam saluador de

¹ SÃO PAYO, 1999, 31-66.

² SOUSA, GONÇALVES, 1987: 478.

moucoos termo de villa ryal deste arcebispado a p^o de castro preegador e capellam do senhor marquez de villa Riall o qual senhor Marquez apresentou na vaga por morte de goncallo lobo (...)”³.

Na *Geografia D’entre Douro e Minho e Tras-os Montes* [1549] João de Barros, sempre tão sucinto nas suas descrições, dedica à Capela um texto bem mais extenso do que é habitual, uma vez que conheceu directamente uma mulher salva por um milagre de Nossa Senhora de Guadalupe.

“A outra Legoa està hua nobre Ermida de Nossa Senhora a que chamão Guadalupe, que he casa formosa e deuota, onde concorre muita gente à Romaria.

Eu conheci hua molher que se chamaua a Manoa de Matheus, a qual me afirmarão que fora accusada de hu delicto uergonhoso e feio, e foi iulgada na Relação que morresse na forca, e a forca então estaua em Villa Real, em hu alto, onde ora està S. Sebastião, donde se uê esta ermida de Nossa Snra. A pobre mulher, quando chegou ao pè da forca, se encomendou muito deuotamente à Virgem gloriosa, rogandolhe que se lembrasse della, leuando todauia as contas nas maons, que hião atadas com o baração, como se costuma. Os Menistros da iustiça a poserão na forca e a deixarão por morta e se forão, e isto era pela manhã e hauia de ser tirada da forca à tarde, porque assi o dizia a sentença, e quando forão acharão a na forca uiua, dizendo que Nossa Snra sahira daquella Hermida e a tiuera no ar, que a não deixou morrer. O iuiz a tornou à Cadeia e escreueo o caso a ElRey, e por seu mando foi trazida a Lisboa, e tornarão a uer o processo, e foi degradada para sempre para a Ilha de S. Thomé, que então era áspero degredo.

Afirmarãome que o Nauio nunca quizera com ella fazer uiagem e que não podia sahir da barra. Como quer que fosse, ella foi de todo perdoada e naquella Ermida e em Matheus e ui athe que faleceo hauerà XX annos. Mas o caso, quando aconteceu, era eu muito pequeno e não o acordo, saluo que he mui notório àquella terra, onde se acharão os autos (...)”⁴.

A data sugerida por João de Barros indica que o milagre ocorreu no princípio do século XVI ou ainda nos finais do século XV. Ora, segundo segundo o *Numeramento* de 1527-30, a freguesia de *Môçãos* era então constituída pelos lugares de *Agoa de Lupe*, *Agoas Santas* e *Pomte*⁵. Em 1721, conforme indicam as *Memórias de Vila Real*, desta freguesia faziam parte os lugares de *Mouçós*, *Bouça* e *Ponte*, tendo desaparecido os topónimos *Água de Lupe* e *Águas Santas*⁶.

A existência daqueles topónimos, à data da realização do *Numeramento*, confirma a importância do culto a Nossa Senhora de Guadalupe no primeiro quartel do século XVI, coincidindo assim com a data da edificação da Capela atribuída a D. Pedro de Castro e com a data de 1529 inscrita no programa de pintura mural que se conserva na capela-mor.

³ BESSA, 2007: 228.

⁴ BARROS, [1549]: 115-116.

⁵ COLAÇO, 1931: 88.

⁶ SOUSA, GONÇALVES, 1987: 95, 478.

Nossa Senhora de Guadalupe, em Águas Santas (Maia), era designada por Agua de Lupe, sendo evocada, por causa do seu nome, contra as calamidades da falta ou do excesso de chuva. Como em Mouçós, ao culto associava-se o topónimo de Águas Santas.

Situada em lugar alto, sobranceiro à ampla veiga onde se desenvolveu o povoamento de Vila Real, a Capela de Nossa Senhora de Guadalupe está construída sobre um afloramento rochoso sobre o qual assentam uma parte da nave e a capela-mor. Esta localização e o aproveitamento de um acidente geológico incorporado no templo, têm fundas motivações de carácter antropológico. Não faltam exemplos de santuários, capelas ou ermidas construídas sobre penedos.

Em S. Silvestre de Requião (Famalicão) a ermida de Nossa Senhora da Pedra Leital levanta-se junto a um penedo onde as mulheres a quem falta o leite, sobem por pequenas cavidades⁷. No caso do Santuário de Pedra Maria (Varziela, Felgueiras) a capela-mor foi construída sobre um penedo sagrado.

As pedras, penedos e fragas, são no folclore e nas religiões europeias lugares de amostragem do sagrado e do aparecimento de divindades. Aos penedos iam procissões e ladainhas, alguns recebiam cruces, outros eram caiados e aí se gravavam sinais: cruces, ferraduras, círculos e rosários⁸. Faz pois todo o sentido que eles se sacralizem com a construção de ermidas ou com o seu arranjo destinado à devoção.

São inúmeros os exemplos de imagens milagrosas aparecidas em fragas, lapas e grutas que dão origem à edificação de capelas, ou mesmo de aparições de Nossa Senhora sobre pedras ou dentro de grutas, onde se haviam refugiado os videntes.

Referindo-se aos montes sacralizados, Carlos Alberto Ferreira de Almeida aponta como os locais mais favorecidos pelos romeiros “aqueles que apresentam penedos de formas ou posições insólitas, lapas ou fontes, verdeiros e arvoredos, porque isso permite um peculiar sistema de acções e itinerários e, porque o homem tem uma necessidade fundamental de significados, tornam a imaginabilidade desse local muito rica, até pelas lendas etiológicas que se lhe associam, permitindo um conjunto de vivências que os possam unir a esse ambiente”⁹.

O início do culto a Nossa Senhora de Guadalupe em Portugal, e a respectiva fundação de capelas ou altares dedicados a esta evocação, deve ter ocorrido um pouco antes dos meados do século XV, uma vez que a capela de Nossa Senhora de Guadalupe na Raposeira (Lagos) é referida por Gomes Eanes de Zurara na *Crónica dos Feitos da Guiné* (1453). É de realçar que o cronista designa a capela de *Santa Marya de augua de Lupe*. Ainda no século XV, como registou Mário Martins, já se efectuavam peregrinações a Nossa Senhora de Guadalupe, em Santarém¹⁰.

⁷ BARREIROS, 1931: 87.

⁸ Sobre este assunto veja-se, entre outras, a obra de: ALMEIDA, 1981: 208.

⁹ ALMEIDA, 1984: 79.

¹⁰ MARTINS, 1957: 91-93.

Apesar de o primeiro documento conhecido sobre o santuário de Guadalupe em Villuercas (Cáceres) datar de 1326, há indícios do culto àquela imagem da Virgem já nos primeiros anos do século XIV, ou mesmo nas últimas décadas do século XIII¹¹.

No *Livro de Milagres de Nossa Senhora de Guadalupe* de Villuercas estão registados 23 milagres a peregrinos de origem portuguesa, que decorreram ao longo da segunda metade do século XIV. A década de maior afluência de portugueses a Guadalupe corresponde aos anos 90, com um registo de 17 milagres. A peste que grassava em Lisboa, em 1492, levou um grupo de peregrinos acompanhados pelo dominicano Frei Antão, em romagem a Guadalupe onde chegaram em Maio de 1493¹².

A romagem que o rei D. Afonso V, acompanhado de um séquito, realizou ao santuário de Villuercas na década de 1460, já estudada por María Eugenia Díaz Tena¹³, e o milagre da cura de uma doença de que o rei então sofria, mitificado ou não, deverá ter contribuído para uma mais ampla popularidade do culto, em Portugal.

A Capela da Misericórdia de Vila Real, cuja construção se deve igualmente a D. Pedro de Castro, foi edificada entre 1532 e 1548. Tendo recebido obras ao longo dos séculos XVI e XVII, a capela apresenta uma fachada de aspecto maneirista. No entanto, uma análise mais atenta ao portal principal permite verificar a existência de bases, colonelos e capitéis de gosto manuelino. É de notar a diferença de programa entre esta capela e a de Nossa Senhora de Guadalupe. O aspecto mais arcaico da construção da capela situada em Mouços parece indiciar que esta foi deliberadamente edificada *à maneira medieval*. A sua evocação e função devocional e a ligação a milagrosas águas santas, acima referida, bem como a provável pré-existência de uma capela mais antiga, devem ter tido uma funda influência na escolha do programa.

São ainda de referir algumas semelhanças entre a Capela de Guadalupe e a igreja de S. Domingos de Vila Real, sobretudo nos vãos de iluminação das fachadas laterais que apresentam, em ambos os casos, uma secção rectangular. Construída a partir de 1421, com o patrocínio de D. João I, a igreja do convento dominicano não estava ainda concluída em meados do século XV. Apesar da cronologia avançada desta igreja, no contexto da construção gótica mendicante portuguesa, S. Domingos de Vila Real é bem um exemplo da longa permanência de soluções arcaizantes¹⁴.

O papel desempenhado por D. Pedro de Castro na encomenda de uma série de obras de arquitectura em Vila Real e no seu termo é um tema que merece um maior desenvolvimento. O facto de D. Pedro de Castro ter sido capelão do Marquês de Vila Real, padroeiro de Mouços, fornece uma pista de investigação mais atenta a uma possível relação entre a Casa de Vila Real e a edificação da capela de Nossa Senhora de Guadalupe.

¹¹ LLOPIS AGELAN, 1998: 419-451.

¹² DÍAS TENA, 2007: 65-77.

¹³ DÍAS TENA, 2003: 63-70.

¹⁴ ALMEIDA, BARROCA, 2002: 52.

Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1981 – “Território Paroquial de Entre-Douro-e-Minho. Sua Sacralização”. *Nova Renascença*, v. 1, n.º 2. Porto.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1984 – “Religiosidade Popular e Ermidas”, in *Studium Generale. Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular*, n.º 6. Porto.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, BARROCA, Mário Jorge, 2002 – *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença.
- BARREIROS, Manuel de Aguiar, 1931 – *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga*. Braga.
- BARROS, João de, [1549] – *Geografia d’entre Douro e Minho e Tras-os-Montes*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto (1919).
- BESSA, Paula Virgínia de Azevedo, 2007 – *Pintura Mural do Fim da Idade Média e do Início da Idade Moderna no Norte de Portugal*, vol. 3. Braga: Universidade do Minho.
- COLAÇO, J. T. Magalhães, 1931 – *Cadastro da População do Reino (1527). Actas das Comarcas dantre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- DÍAS TENA, María Eugenia, 2003 – “Alfonso V de Portugal y la milagrosa Virgen de Guadalupe”. Sep. de *Península. Revista de Estudios Ibéricos*, n.º 0, pp. 63-70.
- DÍAS TENA, María Eugenia, 2007 – “Peregrinos portugueses en el Monasterio de Nuestra Señora de Guadalupe (siglo XV)”. *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, n.º 4, pp. 65-77.
- LLOPIS AGELAN, Enrique, 1998 – “Milagros, Demandas y Prosperidad: El Monasterio Jerónimo de Guadalupe. 1389-1571”. *Revista de Historia Económica*, año XVI, Primavera-Verano, n.º 2, pp. 419-451.
- MARTINS, S. J. Mário, 1957 – *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2.ª edição. Lisboa: Edições Brotéria.
- SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, 1999 – “A Família de D. Pedro de Castro Protonotário Apostólico e Abade de Mouços”. *Estudos Transmontanos e Durienses*, n.º 8. Vila Real: Arquivo Distrital de Vila Real, pp. 31-66.
- SOUSA, Fernando de, GONÇALVES, Silva, 1987 – *Memórias de Vila Real*, 2 volumes. Vila Real: Arquivo Distrital de Vila Real.

